

APRENDIZAGEM: relações interpessoais no processo de ensino e aprendizagem

Elizete Pereira Bahia Viana¹
Ana Angélica Mathias Macêdo²
Fernando Mendes³
Manuel Bandeira dos Santos Neto⁴

RESUMO

O presente estudo, objetiva discutir como as relações interpessoais interferem e impactam nos resultados de aprendizagem dos alunos, a fim de verificar como a escola poderá ressignificar suas relações e práticas estabelecidas, num momento tão desfavorável, com vistas a assegurar um ensino qualificado e harmonioso para os estudantes. Vários mecanismos e práticas serão necessárias, como a preparação e planejamento adequado das aulas, a postura assumida pelo professor e a participação da família no processo. Nesta perspectiva, faz-se necessário verificar como estas relações se dão no espaço escolar, incluindo os profissionais e todos que dela participam e de que forma afetam os resultados de aprendizagem dos alunos por meio de uma análise documental de base qualitativa e quantitativa, recorrendo a alguns dados da instituição, assim como coletas por meio de entrevistas, participação em reuniões de Conselhos de Classe e busca de dados em documentos oficiais da instituição de ensino. Por meio desses dados é possível considerar que existem vários fatores que causam prejuízos às aprendizagens dos alunos, especialmente os que se encontram nas relações estabelecidas nas situações de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Processo de ensino e aprendizagem, Relações interpessoais, espaço escolar, afetividade.

¹ Especialista em Práticas Pedagógicas e Tecnologias Educacionais – UFVJM, zetebahia@gmail.com.

² Doutora em Biotecnologia. Professora Instituto Federal do Maranhão – Campus Imperatriz – MA, anaangellica@yahoo.com.br;

³ Doutor em Ciências da Saúde. Professor Instituto Politécnico de Coimbra – ESTeSC – Portugal, fjmendes@estesc.ipc.pt;

⁴ Doutor em Ensino de Ciências e Matemática – UFRPE; Professor Adjunto na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), Campus da Universidade Estadual do Ceará (UECE), manuel.bandeira@uece.br.

INTRODUÇÃO

A Educação passou por diferentes momentos e diferentes abordagens nos últimos tempos, requerendo novos e diferentes papéis a serem assumidos, tanto por profissionais ou estudantes, assim como a sociedade em geral. Vivenciamos um longo período de afastamento das salas de aula, em que a Educação necessitou ser repensada e ressignificada, ganhando novos contornos sob bases epistemológicas alicerçadas necessariamente em ferramentas tecnológicas que proporcionaram maior dinamicidade ao processo educativo e perpassaram fronteiras antes inimaginadas.

Nesta medida, a pandemia de Covid 19 foi responsável por modificar estas relações, proporcionando um impacto significativo na educação em todo o mundo. As formas de contenção adotadas para conter a propagação do vírus, como o distanciamento social e o fechamento das escolas, levaram a mudanças radicais na forma como a educação foi entregue e acessada. As instituições tiveram que se adaptar rapidamente à nova maneira de ensinar, por meio de plataformas digitais, com ensino remoto, trazendo inúmeros desafios como a falta de internet em algumas regiões e a necessidade de capacitar professores para este novo formato.

Com o retorno às salas de aula de maneira presencial, novas concepções e paradigmas educacionais assumiram outros contornos, passando a considerar o processo de ensino e aprendizagem de maneira diferenciada, requerendo planejamentos mais bem estruturados para atendimento a um contexto social mais amplo.

Neste prospecto, esta pesquisa nasceu a partir de uma inquietação, observada a partir das vivências pontuais de relações interpessoais no contexto escolar da Escola Estadual Joviano Naves, no município de Almenara, no ano de 2022, especialmente em sala de aula, buscando responder a seguinte questão de pesquisa “Como estas relações interpessoais impactam e interferem nos resultados de aprendizagem dos alunos” em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental, a fim de verificar como a escola poderá ressignificar suas relações e práticas estabelecidas, num momento tão desfavorável, com vistas a assegurar um ensino qualificado e harmonioso para os estudantes.

Nesta perspectiva, esta pesquisa ainda pretendeu fornecer elementos para análises das relações estabelecidas, a partir das discussões teóricas estudadas, de maneira a proporcionar reflexões nas práticas e ações que favoreçam resultados positivos, a fim de minimizar impactos e interferências negativas, capazes de mudar atitudes no contexto escolar.

Portanto, espera-se que contribua para o debate de interessados por melhores práticas educativas, assim como relações que possibilitem comportamentos orientados pela ética e pautados em práticas assertivas, capaz de formar cidadãos que saibam viver e conviver harmoniosamente e produtivamente em sociedade, respeitando e sendo respeitados em seus direitos individuais e coletivos, cumprindo deveres e obrigações, a partir de uma educação

qualificada e com bases emocionais consistentes.

MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

Este estudo se baseou em pesquisa de revisão bibliográfica considerando os impactos do aspecto emocional nos resultados de aprendizagem dos estudantes, baseado em estudos que abordam tanto o contexto escolar quanto o emocional dos estudantes; e na coleta de dados, utilizando-se de questionários e entrevistas que alcancem o aspecto emocional dos estudantes, seu engajamento, motivação e desempenho, considerando ainda os dados contextuais, como o ambiente familiar, apoio emocional e clima escolar, aproveitando-se de dados coletados e existentes na base documental da escola e a relevância das ações a serem desencadeadas para prevenção a partir de parâmetros considerados dificultadores das ações educativas tanto de professores, quanto de alunos ou mesmo de outros agentes educativos que fazem parte do contexto escolar. Foram realizadas análises nas documentações da escola, principalmente naquelas que continham os resultados finais do aproveitamento dos alunos, assim como participação em reuniões de conselhos de classes com a análise das atas, entrevistas direcionadas aos educadores e alunos ou mesmo conversas com alguns profissionais da escola.

Por meio destas análises, tanto as discussões qualitativas, relacionadas aos estudos realizados pelos diferentes autores; quanto a qualitativa, visava demonstrar a evidência dos fatos observados, devendo, para tanto, a análise documental e bibliográfica contemplar as discussões que inserem no contexto escolar mais amplo e que possam de certa maneira impactar nos resultados de aprendizagem dos alunos. Foram consultados artigos, livros, publicações e legislações, arquivos escolares e fontes que respondam às questões apropriadas durante encontros e reuniões pedagógicas, assim como Conselhos de Classe em que foram discutidos os resultados de aprendizagem dos alunos e situações referentes aos professores em relação às interações vivenciadas em sala de aula. Além disso, foram consultados os livros de resultado final da referida instituição, em que os resultados dos alunos são disponibilizados.

Portanto, a pesquisa pretende fornecer subsídios do ambiente de vivência e nos estudos realizados, elementos que conduzam a uma prática sistemática, alinhada com possibilidades de crescimento e formação, alicerçadas numa relação dialógica, que aponte para uma transformação das relações interpessoais estabelecidas no contexto escolar, com a expectativa de resultados satisfatórios nas aprendizagens dos estudantes em todos os níveis e anos de escolaridade, sendo objetivo constante do trabalho dos agentes escolares, também sendo objeto de pesquisa ora apresentada.

AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS E SEUS IMPACTOS NO CONTEXTO EDUCATIVO

As relações pessoais exercem um papel preponderante no ambiente educativo, podendo deixar marcas significativas no desenvolvimento dos alunos e no funcionamento das escolas, sendo conexões humanas que moldam a experiência educacional dos envolvidos, proporcionando aprendizado social e emocional essencial. Os estudantes aprendem a ser empáticos, respeitosos, cooperativos e capazes de resolver conflitos caso sejam envolvidos nesta atmosfera de uma qualidade positiva das relações desenvolvidas.

Nesta perspectiva, a qualidade das interações realizadas influencia diretamente no engajamento e motivação dos estudantes, que podem se sentir conectados e apoiados por professores e colegas, tendendo a participar mais ativamente das atividades escolares e demonstrando maior interesse pelo aprendizado. A criação de um ambiente escolar seguro é outro impacto relevante, pois têm maior disposição para se concentrarem nas tarefas acadêmicas e participarem ativamente da vida escolar. Desta forma, as relações interpessoais contribuem ainda para a prevenção de casos de bullying e outros comportamentos prejudiciais, devendo os professores estarem atentos para intervir prontamente em situações de conflitos, criando sempre um ambiente acolhedor e seguro para todos. Os professores assumem um papel fundamental ao lidar com as emoções diárias dos alunos, fomentando a autoestima positiva e na construção da confiança em si mesmos. A colaboração e o aprendizado coletivo também são favorecidos, em que se sentem mais inclinados a trabalharem juntos, compartilhem ideias e aprenderem uns com os outros, estimulando ainda uma melhor comunicação, abertura e transparência nas interações realizadas. Não podemos desconsiderar o papel relevante dos demais atores do processo, incluindo a família que é essencial nesta engrenagem, garantindo uma educação significativa e enriquecedora para todos os envolvidos.

Considerando que o espaço escolar é um local privilegiado desta convivência, em que estabelecemos todos os tipos de relações, com sujeitos que apresentam necessidades e aspirações, seja nos aspectos culturais, saberes e vivências oriundas dos diversos estratos sociais, necessário se faz evidenciar estudos no campo educacional que possam indicar caminhos e proposições para entendimento das novas formas de relações que se estabelecem após um período longo de distanciamento escolar e social.

Em meio a estas considerações, muitas inquietações e dúvidas surgem como pressuposto para questionamentos, a considerar: Será que os fatores emocionais interferem e impactam nos resultados dos alunos de quais formas? As relações interpessoais favorecem e interferem nos resultados de aprendizagem apresentados pelos alunos? Quais impactos podem ser observados a partir destas relações estabelecidas no contexto escolar, sobre as aprendizagens dos alunos a partir dos resultados apresentados? Quais práticas, posturas e ações são necessárias para produzir resultados de aprendizagens significativas?

Considerando todos estes parâmetros, este estudo se justificou no sentido de compreender os processos de natureza emocional e vivencial vinculado ao campo educativo, que interferem e impactam nos resultados de aprendizagem dos estudantes, resultantes das relações interpessoais

estabelecidas no cenário escolar, que poderão ser melhor compreendidas e orientadas, visando ao alcance de resultados de aprendizagens mais apropriadas e adequadas ao seu contexto de vivência e crescimento pessoal, apropriando de uma formação intelectual e emocional capaz de plena harmonização tanto no processo educativo, quanto em suas vivências individuais. Além disso, contribuir para que os professores descubram e reflitam sobre um outro modo de ser dos alunos e deles mesmos, repensando ações docentes e atitudes facilitadoras na direção das relações interpessoais que sejam favoráveis à aprendizagem significativa, no sentido de melhor entendimento com os alunos e os demais atores do processo educativo.

No contexto escolar, as relações interpessoais precisam ser pensadas, redimensionadas e reconstruídas continuamente, visando contemplar o processo de ensino, para que os estudantes e outros agentes escolares possam refletir suas ações e práticas em meio a propósito coletivo de ensinar e aprender com a qualidade desejada.

Nesta perspectiva, Almeida; Placco (2002) constataram que:

O investimento nas relações interpessoais favorece o acesso ao conhecimento, nos diferentes níveis de ensino e nos diferentes processos de ensino-aprendizagem, seja na formação inicial, seja na continuada; Hoje, mais do que nunca, professores e alunos querem ser ouvidos, compreendidos, considerados [...] (ALMEIDA; PLACCO, 2002, p.1)

Sabemos que a atual conjuntura social tem nos apresentado indivíduos fragilizados, com o emocional sensível em meio aos últimos acontecimentos, tanto em escala mundial, quanto local. As preocupações e sensibilidades geradas pela violência, medo de doenças, pandemia ainda vigente, além da insegurança quanto à própria sobrevivência tem modificado substancialmente os indivíduos que tem apresentado comportamentos desajustados. Isto tem refletido nas salas de aula, dificultando as relações interpessoais estabelecidas pelos escolares e supostamente podem comprometer o aproveitamento dos alunos.

[...] professores e alunos vivem boa parte do tempo em salas de aula, numa relação face a face, é salutar que aprendam a ser mais compreensivos, atentos e cuidadosos uns com os outros, pois esta aprendizagem tornará seus dias mais produtivos, mais instigantes e, mesmo árduos, mais prazerosos (ALMEIDA; PLACCO, 2002, p. 1).

Pautando nestas proposições, cabe ainda mencionar que relações conflituosas e desajustadas decorre de variados fatores e devem ser objetos constante de investigação e acompanhamento pelos profissionais escolares, buscando minimizar os efeitos produzidos, para que o processo de ensino transcorra de maneira contínua, sem interferências que possam dificultar a prática pedagógica. A sala de aula é um espaço privilegiado tanto das interações realizadas, quanto um *locus* privilegiado de acompanhamento e diagnóstico. [...] a necessidade de os educadores compreenderem a sala de aula como lugar de conhecer o aluno, suas necessidades e demandas [...] com intenções e possibilidades quase infinitas de mudanças (CARVALHO, 1999, p. 17)

A partir desta compreensão, devemos refletir sobre estas relações a fim de oportunizar

variadas formas de inserção dos estudantes num processo de ensino capaz de promover e proporcionar mudanças significativas em várias dimensões. A tomada de decisões quanto à forma de preparar as aulas, planejar os estudos, organizar métodos e técnicas de ensino parecem não dar conta de atender a dinamicidade do processo de ensino. É preciso considerar inúmeras variáveis como o aspecto emocional que condiciona os atendimentos individuais e coletivos, assim como oportunizar o desenvolvimento de habilidades e competências tão necessárias aos dias atuais.

Estas competências emocionais como a Inteligência emocional, para reconhecer e compreender as próprias emoções e as dos outros, de maneira a incluir a habilidade de gerenciar suas emoções de forma adequada, lidar com o estresse, controlar impulsos e expressar sentimentos de maneira saudável; a Empatia, colocando-se no lugar do outro, compreendendo e reconhecendo seus sentimentos e perspectivas, facilitando assim a formação de conexões mais profundas, na promoção de ambientes mais acolhedores e inclusivos; a Comunicação Eficaz, sabendo se expressar de maneira clara e respeitosa, bem como saber ouvir atentamente os outros, estabelecendo relacionamentos saudáveis e evitando mal-entendidos; A Resolução de Conflitos, aprender a lidar com os conflitos de maneira construtiva e pacífica, buscando soluções para ajudar a criar ambientes mais harmoniosos e condizentes com habilidade de negociação; A Autogestão, ser capaz de controlar suas próprias ações e emoções, gerenciando seu tempo de maneira eficiente, estabelecendo metas realistas e o desenvolvimento de estratégias para alcançá-las; A Resiliência, a habilidade de enfrentar adversidades, superar desafios e recuperar-se dos fracassos, permitindo aos estudantes enfrentarem situações difíceis sem desistir, promovendo maior senso de confiança; O Pensamento Crítico e solução de problemas, sendo capaz de analisar informações, avaliar diferentes perspectivas e chegar a conclusões bem fundamentadas, ajudando-os a tomar decisões e a encontrar soluções para problemas complexos; Colaboração, sendo capaz de trabalhar em equipe, contribuindo com suas habilidades e respeitando as contribuições dos outros; Automotivação, capacidade de estabelecer metas pessoais e perseguí-las com determinação; Flexibilidade, capacidade de se adaptar à novas situações e mudanças, demonstrando abertura para aprender com diferentes experiências e pontos de vista.

Estas categorias interferem de maneira significativa nos processos educativos em todas as relações estabelecidas e os professores devem estar atentos para estas interações, no sentido de olhar além dos conhecimentos enciclopédicos, visando ao alcance de habilidades e competências norteadoras de quaisquer relações sociais.

Acreditamos que o atual momento histórico que estamos vivenciando nos impõe uma mudança nas dinâmicas das aulas, assim como a incorporação de certos mecanismos de formação para o direcionamento do processo pedagógico em que somos convidados a considerar o aspecto emocional como relevante e determinante para as questões que envolvem o ensino e as relações interpessoais que resultam deste processo.

A especificidade da relação professor-aluno precisa ser mais bem compreendida,

enquanto aspecto do desenvolvimento dos atores da prática social da educação. Essas relações, ao mesmo tempo, pessoais/interpessoais e sociais, têm em sua origem a preocupação pedagógica e educativa (ALMEIDA; PLACCO, 2002, p.8).

Nesta mesma direção, Perrenoud (1993) compreende o exercício da docência como sendo algo complexo em que os aspectos relacionais são mobilizados em cada ação realizada, ocorrendo mudanças nos sujeitos, decorrentes dessas relações a partir dos conhecimentos e afetos que são impulsionados. Assim, ele compreende a sala de aula como espaço de multiplicidade de saberes e fazeres, lugar de improviso, interações desconexas e simultâneas, onde os sujeitos precisam tomar decisões em meio aos desafios impostos, desejos e expectativas ou mesmo preconceitos e aspirações. Ele destaca ainda que é necessário que os professores tenham competência para planejar e estruturar ambientes de aprendizagem eficazes, criando experiências que promovam o engajamento dos estudantes e facilitem a assimilação do conhecimento. Complementa ainda que, ao administrar as progressões das aprendizagens precisa gerenciar a sequência e a progressão dos conteúdos do ensino, adaptando o ensino a atender diferentes habilidades e estilos, maximizando seus resultados de aprendizagem (PHERRENOUD, 2000).

Caminhando em direção ao pensamento de Vigotsky (2003), que defende as interações sociais como promotoras do desenvolvimento, assinalando estas interações como experiências de aprendizagem, cabe destacar o grau de desenvolvimento alcançado por indivíduo em relação às zonas de desenvolvimento proximal e real, por meio da internalização dos conhecimentos construídos com maior grau de profundidade. Citando esse autor, “nas e pelas interações, internalizamos os produtos da cultura (crenças, valores, conhecimentos” (ALMEIDA; PLACCO, 2002, p.10).

Carvalho (1999) e Codo (1999) em seus relatos de pesquisas, nos reafirmam que a solicitação emocional vivida pelos professores é traduzida frequentemente em esgotamento, cansaço, desgaste, desilusão, etc [...] negar esse quadro afetivo não tenha consequências nas relações pedagógicas em sala de aula, na prática docente do professor, é idealizar a prática docente, não a percebendo na realidade cotidiana das escolas brasileiras (ALMEIDA; PLACCO, 2002, p.18).

Mesmo diante de tantas adversidades, Duarte (2004) apresenta três condições facilitadoras para que o professor enquanto facilitador, possa implementar no contexto educacional: congruência, consideração positiva ou aceitação e empatia. Nesta dinâmica a autora considera que a congruência permite considerar as percepções que o indivíduo tem de si e de sua própria experiência (DUARTE, 2004, p. 128).

Em outros termos, a mesma autora sinaliza que,

Existem dois papéis diferentes na situação da aula: o do professor e o do aluno, e é por meio do diálogo que estes processos de ensino e de aprendizagem são conectados [...]. O diálogo deve expressar genuinamente sentimentos das pessoas envolvidas. O professor tem um papel muito claro: existe um conteúdo (que pode ser discutido e negociado) a ser dominado pelo

aluno e, ao explicitar as normas de trabalho, o professor tende a ser autêntico (DUARTE, 2004, p.129).

Nesta assunção de papéis, a maneira de conduzir o processo de ensino reflete nas condições em que as atividades a serem desempenhadas, acompanhadas ou mesmo conduzidas pela orientação do professor, tem no aspecto emocional certa determinância no processo, visto que a maneira e o fazer diário apresenta algum impacto que deverá ser observado em sua dinamicidade na condução de todas as atividades. [...] é por meio de um ouvir diferente – a escuta ativa – que se torna possível testar realmente se o que está sendo dito é o que está sendo compreendido (DUARTE, 2004, p. 131).

Portanto, a consciência da dificuldade de proporcionar a formação dos estudantes, ancorada nos preceitos de que em casa se deseduca mais que educa, que os pais se eximem da tarefa de educar e assumir seus papéis enquanto agentes de apoio, orientação e correição aos filhos, resta a escola e seus agentes realizar uma educação que seja capaz de suprir inúmeras necessidades básicas. A partir destas dificuldades apresentadas pelos alunos, devemos imprimir práticas que sejam capazes de corrigir inúmeras distorções que comprometem e interferem nas aprendizagens escolares, por meio de relações interpessoais que agreguem relacionamentos saudáveis e harmônicos, capazes de motivar os alunos para a aprendizagem constante e satisfatória, com os resultados desejados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estudos e pesquisas têm consistentemente demonstrado que as competências emocionais dos alunos estão intrinsecamente ligadas ao seu desempenho acadêmico e bem-estar geral. A inteligência emocional, por exemplo, tem sido associada a melhores resultados acadêmicos, maior engajamento nas atividades escolares e melhor adaptação ao ambiente educacional. Alunos que desenvolvem empatia, resiliência e habilidades de comunicação eficaz tendem a estabelecer relacionamentos mais positivos com colegas e professores. Isso cria um ambiente escolar mais acolhedor e propício à aprendizagem, onde os alunos se sentem valorizados e apoiados. Essa sensação de pertencimento é crucial para a motivação dos estudantes, incentivando-os a se esforçarem e se dedicarem ao aprendizado.

Além disso, as competências emocionais também estão intimamente relacionadas à capacidade dos alunos de lidarem com o estresse e as pressões acadêmicas. Estudantes que desenvolvem habilidades de autogestão e automotivação tendem a enfrentar desafios com mais confiança, superando obstáculos e buscando soluções para os problemas que encontram.

No entanto, é importante destacar que a promoção das competências emocionais na educação não é uma tarefa simples. Requer o envolvimento de todos os atores educacionais, incluindo professores, gestores escolares, pais e a própria comunidade. A inclusão da educação socioemocional no currículo e a capacitação de professores para trabalharem com essas

habilidades são fundamentais para alcançar resultados positivos.

Desta forma, os resultados e discussões sobre as relações emocionais e seus impactos na educação revelam que o desenvolvimento das competências socioemocionais é uma abordagem valiosa e necessária para uma educação mais completa e bem-sucedida. Elas têm um papel essencial na construção de um ambiente escolar acolhedor, no engajamento dos alunos, na prevenção de problemas comportamentais e no estímulo ao crescimento acadêmico e emocional dos estudantes. O investimento na educação socioemocional é uma aposta promissora para fortalecer o sistema educacional e preparar os alunos para enfrentarem os desafios do século XXI com equilíbrio e resiliência.

A partir destas discussões, podemos constatar que as relações estabelecidas em sala de aula não estão ajustadas conforme se espera para um processo de ensino e aprendizagem adequado à natureza do processo pedagógico. Será preciso repensar as ações nestes novos tempos, redirecionando para práticas mais condizentes com um ensino de base humanística e não apenas conteudista. Nesta fase de escolarização os estudantes já têm consciência dos seus atos e é preciso direcionar as práticas adequadas para alcançar o que se propôs como meta.

As alegações dos estudantes são de que as aulas não contemplam seus interesses, que estudando ou não serão aprovados ao final do ano letivo e que a escola é lugar de diversão e enfrentamento, diz muito também sobre o sistema de ensino vigente no país. Dizem não respeitar alguns professores porque as aulas são maçantes. Cerca de 60% acredita que a escola é um lugar de encontrar os amigos e passear, mas admitem que o aprendizado fica sempre em último plano. 30% alegam que a melhor coisa na escola é o momento do recreio, da merenda. 10% dizem levar a sério as aulas e alegam que os colegas atrapalham o seu aprendizado com situações de indisciplina e cometimento de bullying. Perguntados sobre o momento de isolamento social disseram que 90% não realizavam qualquer atividade escolar neste período e que solicitavam de outras pessoas para realização das atividades à distância, exigidas pela escola. (Entrevista realizada com os alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental em novembro de 2022).

Enquanto os professores relataram que os alunos estavam com comportamentos desajustados não apenas em razão do desinteresse. Havia algo mais desafiador. Segundo afirmaram, a maneira como encaram o processo de ensino sofreu muitas modificações após o distanciamento social. Professor 1: “Não deixam o celular...usam as redes sociais em sala de aula e quando reclamados, são agressivos nas palavras e enfrentamento em relação ao professor”. Professor 2: “Já deixei de lado, não reclamo mais...cansei de ser destrutada...vou dar aula para quem quer...”

Pelos relatos apresentados, percebe-se que os fatores que desencadeiam o mau comportamento também está atrelado ao mau uso das ferramentas tecnológicas, assim como todo o seu processo de formação. As novas formas de conceber a prática pedagógica deve ser ressignificada perante estes novos tempos e alicerçada em bases atualizadas.

Percebeu-se, através das análises das entrevistas, a significativa fragilidade apresentada

nas relações interpessoais e emocionais, necessitando assim de profissionais com habilidades emocionais e técnicas que possam auxiliar na condução dos processos escolares. Nota-se, pelas falas encontradas nas entrevistas ausências de profissionais para mediação, preparação e acompanhamento das atividades escolares, assim como a interlocução com as famílias. O trabalho com as questões emocionais na escola parte inicialmente de um acolhimento adequado, assim como processos de escuta e orientação acerca das situações e interações ocorridas. Neste caso, o planejamento escolar deve ser o cerne de todas as questões concernentes ao fazer pedagógico diário. Sem ele, de maneira bastante concatenada, corre-se o risco de intensificar relações improvisadas, desconectadas do fazer adequado, assim como, resultante de desarmonia nas relações.

Partindo deste entendimento, as formas de processar o ensino, seja na preparação das aulas, no atendimento e acolhimento aos estudantes com maior vulnerabilidade social, assim como métodos e técnicas adequadas de ensino, são algumas das inúmeras variáveis que, se não bem organizadas afetam o estado emocional tanto de professores, quanto de alunos e gestão escolar.

Assim sendo, a complexidade do exercício da docência conforme nos aponta Perrenoud (1993) requer profissionais mais bem preparados, que também se preparem para receber seus alunos, que tenham consciência do seu papel transformador e que seja um agente de escuta constante e de repensar ações que ainda não deram certo.

Compreender os modos como os alunos vivenciam a realidade escolar, percebendo o que ele traz de casa como bagagem, requer que tenhamos novas e diferentes posturas, alicerçados em saberes e competências para novas formas de perceber o processo de ensino e conseqüentemente a atuação profissional adequada.

Portanto, a partir das evidências e registros encontrados, percebe-se que as questões emocionais proliferam de maneira negativa e expande a partir da concepção de que há falhas nos mecanismos de escuta e planejamento escolar. Nesta constatação, podemos considerar que neste caso específico, a falta de organização, indisciplina, planejamento e formação adequada dos profissionais da educação, assim como o seu processo de interação e atuação junto a turma pesquisada, comprova que as relações interpessoais desajustadas impactam negativamente no desempenho dos alunos e supostamente podem impactar positivamente quando estas são bem organizadas e monitoradas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tecnologia se tornou elemento indissociável do processo de ensino na educação nos últimos tempos e os professores precisam estar fluentes de seu uso para integrá-la de forma eficiente no ensino. A aprendizagem ativa e participativa se torna essencial para estimular o interesse dos alunos, encorajando-os a serem protagonistas do próprio aprendizado e a construir conhecimento de maneira colaborativa.

A diversificação das metodologias pedagógicas é uma forma de atender às necessidades individuais dos alunos, proporcionando uma educação mais inclusiva e equitativa. É fundamental que o ensino seja significativo, conectando o conteúdo à realidade social dos alunos e promovendo uma aplicação prática adequada às suas reais necessidades.

A busca por uma educação mais inclusiva e diversificada é uma das questões-chave para preparar os alunos para um futuro em que a colaboração, a criatividade e o pensamento crítico são cada vez mais valorizados. O professor que estiver aberto a inovações, que reflete sobre sua prática e busca o desenvolvimento profissional contínuo é justamente aquele que estará mais bem preparado para enfrentar os desafios e as oportunidades que a educação da atualidade oferece.

Desta forma, diante do estudo apresentado, conclui-se que, os indivíduos em formação precisam ser acolhidos, orientados e ouvidos em suas mais diversas angústias e limitações, pois as questões emocionais podem impactar positiva ou negativamente os resultados de sua aprendizagem, uma vez que, sem o equilíbrio necessário as relações se perdem e dificultam o processo de formação.

Diante do exposto, necessário se faz, traçar um projeto de trabalho com funções bem definidas aos profissionais, formação adequada e respaldada em pressupostos que interligam as questões emergentes e que interferem no convívio diário. Além disso, buscar o acolhimento das famílias para participação na escola, por meio de várias formas, devendo a escola proporcionar momentos de interação e convívio. Nesta lógica, o estabelecimento de diálogo, a escuta ativa, o monitoramento das ações e as diversas formas de atuação dos profissionais devem ser bem planejadas e adequadas para que, tanto os alunos, quanto os profissionais da escola possam desfrutar de boa convivência, boas práticas e relações saudáveis para possibilitar uma formação que proporcionem um crescimento para um convívio social mais humanizado.

Portanto, a educação pós pandemia requer um novo tipo de professor, que esteja disposto a adaptar, inovar e desenvolver habilidades relevantes para a educação que se desponha. Ao adotar metodologias inovadoras, valorizar a diversidade, promover a aprendizagem significativa e investir em habilidades socioemocionais dos alunos, bem como criar um ambiente escolar acolhedor e positivo, poderão potencializar o aprendizado e contribuir para o crescimento pessoal e acadêmico de seus alunos; valorizando o aspecto emocional como essencial em suas aprendizagens, no sentido de formar estudantes mais engajados, resilientes e preparados para enfrentar os desafios no mundo, tendo assim grandes oportunidades de desempenhar um papel transformador na vida deles e na construção de uma sociedade mais preparada para os desafios do futuro.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. R. Contribuições da psicologia de Rogers para a educação: uma abordagem histórica. In: Placco, V.M. N. S. et al. (org.). **Psicologia E Educação** – revendo contribuições.

São Paulo, Educ, 2002.

ALMEIDA, L. R. O relacionamento interpessoal na coordenação pedagógica, in Almeida, L.R., PLACCO, V. M. N. S. (orgs), **O coordenador pedagógico e o espaço de mudança**. São Paulo, Loyola, 2021.

CARVALHO, M. P. Ensino, uma atividade relacional. São Paulo, Ação Educativa/ANPED, **Revista Brasileira de Educação**, mai./jun./jul./ago., nº , 17-32, 1999.

CARVALHO, M. P. **A lei genética geral do desenvolvimento cultural em Vigotski e em autores brasileiros**. São Paulo, PUC-SP (tese de doutorado), 2002.

CODO, W. (org.) (1999), **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis, Vozes; Brasília, CNTE, Universidade de Brasília.

DUARTE, V. L. C. **Aprendendo a aprender, experienciar, refletir e transformar: um processo sem fim**. Tese de doutorado. São Paulo, PUC-SP, 1996.

DUARTE, V. L. C. A relevância de atitudes facilitadoras do professor para o desenvolvimento da oralidade do aluno. São Paulo, **Educ. Claritas: revista do departamento de inglês da PUC-SP**, v. 5, 1999.

PARRAT-DAYAN, Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. Trad. Silvia Beatriz Adoue e Augusto Juncal – São Paulo: Contexto, 2008.

PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas**. Lisboa: Dom Quixote Instituto de Inovação Educacional, 1993. (Nova Instituto de Inovação Educacional, 1993. (Nova Enciclopédia; 46, Temas de educação; 3)

PERRENOUD, P. **Práticas Pedagógicas, Profissão Docente e Formação: Perspectivas sociológicas**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PLACCO, V.M. N. S. **Formação e prática do educador e do orientador**. Campinas, Papirus, 4ª ed., 2000.

TIBA, Içami. **Ensinar aprendendo: Como superar os desafios do relacionamento professor-aluno**. São Paulo: Ed. Gente, 1998.